

RESENHA LITERÁRIA

DIEGUES, D. *Douglas Diegues*: por Myriam Ávila. RJ: EdUERJ, 2012. Coleção Ciranda da Poesia

Ana Paula Macedo Cartapatti Kaimoti*

Já há algum tempo, a cena atual da crítica de poesia no Brasil tem manifestado uma dificuldade que, a depender do crítico², é atribuída ou à produção poética contemporânea ou a obstáculos que resultam do trabalho da própria crítica. No primeiro caso, considera-se que, da década de 90 do século XX para cá, houve um excesso de conservadorismo, sinalizador de um engessamento da experimentação, ligada à vanguarda concreta, e uma banalização da experiência, no sentido em que ela foi proposta pela poesia marginal. Nessa perspectiva, parte-se do pressuposto que a última referência transformadora da poesia brasileira se deu no embate entre concretismo e poesia marginal, paradigma do qual nenhum poeta pode fugir a não ser por meio de uma espécie de recalque, por si só significativo, porque indica uma relação problemática e, a contrapelo, produtiva, com essa herança (SISCAR, 2005).

No entanto, essa crise não demonstra, necessariamente, que a poesia brasileira está em falta, mas que sofreu mudanças, sinalizadoras de um distanciamento dos vários projetos ligados aos modernismos e sua relação com a identidade nacional e com a modernização, resultado de uma dispersão própria das culturas globalizadas da contemporaneidade. A dificuldade mencionada indicaria uma crise que, para Rezende (2013) e Vasconcelos (2013), não está exatamente nos poetas, variados e abundantes, mas na crítica, incapaz de abrir-se para a leitura de textos que exigem a elaboração de outros cânones e a ampliação do critério de invenção, para além daqueles da grande poesia moderna, de modo a captar “o universo de forças multiculturais, transdisciplinares da atualidade” e criar condições para que essa produção tenha circulação social e valor cultural reconhecido.

Nesse contexto, o lançamento da Coleção “Ciranda da Poesia”, pela editora da UERJ, em dezembro de 2010, tem um valor significativo. Organizada por Italo Moriconi, com a participação de Diana Klinger (UFF), Marcos Siscar (Unicamp), Masé Lemos (UERJ) e Viviana Bosi (USP), a coleção vem lançando, desde então, as últimas publicações saíram em 2012, pequenas antologias de poesia, elaboradas por críticos,

* É bolsista de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (CAPES/UDEL). É doutora (2007) e mestre (2003) em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista, Unesp-Ibilce, com experiência como docente nas áreas de Letras e Jornalismo.

² Ver: REZENDE, R. A poesia brasileira contemporânea e sua crítica. In: VIOLA, A. F. (Org.). *Crítica literária contemporânea*. R.J.: Civilização brasileira, 2013. p. 121- 142. SISCAR, M. A cisma da poesia brasileira. *Sibila*, v.8/9, 2005. VASCONCELOS, M. S. Poesia contemporânea nacional: reincidências e passagens. In: VIOLA, A. F. (Org.). *Crítica literária contemporânea*. R.J.: Civilização brasileira, 2013. p.107-120

poetas e poetas-críticos, responsáveis por selecionar textos e apresentar uma apreciação da obra dos autores escolhidos. Inicialmente, a proposta focalizava sobretudo a releitura da poesia brasileira da década de 70, mas passou a incorporar também volumes que tratam tanto da poesia brasileira mais recente quanto de poetas estrangeiros. Alguns dos autores-organizadores são também objetos de leitura das obras da coleção, que rendeu diálogos interessantes como a leitura dos poemas de Marcos Siscar por Masé Lemos e da obra de Ana Cristina César por Siscar, dos poemas de Leonardo Fróes por Ângela Melim e da obra de Melim por Ana Chiara. Além disso, há achados singulares como o do volume sobre o poeta romeno Guérasim Luca, pouco conhecido no Brasil, com apreciação, organização e tradução da poetisa e artista visual Laura Erber, cuja dissertação de mestrado trata do autor.

Essa introdução justifica-se como forma de localizar, no contexto maior da nossa crítica literária, tanto a Coleção quanto o volume sobre o qual nos deteremos com mais vagar, dentre os mais de vinte que fazem parte da Ciranda: aquele que trata da poesia de Douglas Diegues e que foi organizado por Myriam Ávila, professora e pesquisadora da UFMG, publicado em 2012. No contexto mencionado, a obra de Diegues encontra-se à margem do *corpus* da poesia brasileira contemporânea. Variada, essa obra inclui: os poemas, o trabalho como tradutor e organizador das canções indígenas guaranis em edição impressa, como editor e autor de livros *kartoneros*, que reaproveitam o papelão dos catadores para compor edições artesanais, sua atuação na mídia digital e em eventos paralelos nos quais declama seus textos. Ávila foi provavelmente a primeira a publicar um texto sobre o autor, depois de os sonetos selvagens de *Da gosto andar desnudo por essas selvas* chamarem-lhe a atenção, em 2002. Ali, a pesquisadora encontrou uma singularidade: a reinvenção do soneto inglês, a partir do trabalho com os dejetos da vida urbana e periférica, triple fronteira, num registro inventado, o da língua poética do portunhol selvagem, que mistura guarani, espanhol, português.

A despeito do caráter exótico desse traço, a leitura que Ávila faz da obra de Diegues segue o sentido da prática de análise que a Eduerj destaca na Coleção e procura privilegiar a escrita do autor e o papel do portunhol selvagem nesse âmbito. A pesquisadora esclarece também que não pretende posicionar a obra do autor na produção contemporânea mais canônica porque procura exercer a liberdade de escolher seu objeto de leitura ao sabor do gosto e do acaso, elaborando assim seu próprio cânone, assumindo os riscos implicados na empreitada, observação que justifica sua escolha por um poeta pouco lido pela crítica especializada.

Ainda assim, as observações da pesquisadora indicam afinidades entre a poesia de Diegues e a de Manoel de Barros, Sousândrade e Oswald de Andrade, e também diferenças em relação a esses poetas que estariam não exatamente no portunhol selvagem, mas na maneira como a escrita do autor aproxima a poesia letrada de vertentes da música popular brasileira, como o samba e o repente nordestino, além do rap e do hip hop. Desse universo, os sonetos, os poemas em prosa e a prosa poética exploram

as diversas formas do paralelismo, os refrães, as variações, as anáforas, a fragmentação da parataxe, o ilogismo do *nonsense* e do *non sequitur*, recursos a partir dos quais o portunhol selvagem ganha uma dimensão mais complexa, como forma de trapacear o fascismo inerente aos usos da língua, propondo um uso libertário das palavras, como podemos vislumbrar nos seguintes versos da antologia proposta pela autora: “desafios en el corazon del dia/ acadêmicos genitales/ rimas banales/ falsa poesia”; “Por que escrebo?/ Escrebo para ficar menos mesquinho/ beleza de lo invisible/ non tem nada a ver com berso certinho” (2012, p. 65 e 70)³.

No sentido do trabalho de Ávila com as poéticas do estranhamento, esses aspectos mostram uma resistência à ordem prosaica do discurso e expõem o esvaziamento de sentido da experiência humana, compondo um conjunto heterogêneo que faz mais tensa e grotesca a imagem “urbano-selvática do segundo milênio” construída pelos textos. A pesquisadora também relaciona esses traços ao *rasquache*, abordagem das artes plásticas chicanas que usa como material elementos descartados do cotidiano das cidades, recombina esteticamente. Os detritos da sociedade midiática e do consumo, somados a um uso frequente da escatologia, sujam o texto de Diegues e mostram o quanto a obra do autor “[...] faz convergir em si as linhas de força da ‘vida danificada’, transformando assim sua poesia em caso exemplar, ícone e avatar dos desenvolvimentos mais recentes” (ÁVILA, 2012, p. 8).

Ligado ao nonsense, Ávila destaca ainda um traço *sui generis* dessa obra, a manifestação de um *pathos*, um investimento emocional excessivo, expresso no tom declamatório e profético do eu-lírico, que age por meio do texto, a exortar o leitor à ação e à reflexão, deixando pouco espaço à interioridade lírica. Sua denúncia irônica expõe a ausência de poesia num mundo banalizado, ao compor a acusação justamente com os restos desse universo, assumindo a impossibilidade ou a dificuldade de se elaborar uma saída viável dessa situação: “O poeta, de certo modo, entrega-se por não se poder negar, em seus versos, à proximidade da sociedade do espetáculo, pois é diante dela e da possibilidade de ser devorado por ela que escreve” (ÁVILA, 2012, p. 58). A retórica desesperada em prol da poesia é a defesa precária e problemática contra a diluição do papel da arte na indústria cultural. Para Ávila, é justamente a singularidade dessa aposta que o destaca no conjunto dos poetas brasileiros contemporâneos.

Desse modo, o volume em questão mostra o quanto a Coleção se posiciona de forma inovadora ao abrir sua ciranda para um poeta cuja obra passa ao largo da crítica especializada, tornando-se um marco da inserção ainda muito precária de Diegues no universo mais acadêmico das editoras universitárias. Nesse sentido, a Ciranda apresenta o potencial de propor aquilo que Rezende (2013) chama de “novo pensamento teórico-crítico”, capaz de praticar uma leitura plural, inclusiva e democrática da poesia brasileira contemporânea.

³ Ver: CARTAPATTI KAIMOTI, A. P. M. Douglas Diegues: poesia e crise. Remate de Males. Campinas (SP), (34.1): pp. 171-184, Jan./Jun. 2014.